

Notas e Resenhas

PRODUÇÃO FAMILIAR NA AGRICULTURA: UMA APROXIMAÇÃO À PROPOSTA DE LAMARCHE

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 29, n. 2, p. 295-308, mai./ago. 2004

INTRODUÇÃO

As propriedades rurais caracterizam-se por possuírem e explorarem fatores de produção de maneira diferenciada. Essas diferenças podem ser observadas em nível nacional, estadual, microrregional, municipal e, até dentro de uma mesma comunidade.

Existem dissimilaridades significativas entre os estabelecimentos rurais, que podem ser facilmente observadas na estrutura fundiária, no que se refere a tamanho e concentração de estabelecimentos; na maior ou menor intensidade de uso dos fatores de produção, e principalmente, no que se refere a terra e mão-de-obra; na combinação de atividades; na disponibilidade de capital, entre outros. Isso ocasiona grandes diferenças no valor bruto da produção entre os estabelecimentos, na utilização do solo, no capital imobilizado, no uso de tecnologias, na produtividade dos fatores, nos custos de produção, na receita líquida, e finalmente na decisão de continuar no meio rural.

Os produtores familiares, tendo em vista as características que lhes são próprias, se constituem em um grupo diferenciado na sociedade. A propriedade e o trabalho, que estão afetos à família, determinam seu caráter particular em relação aos outros atores econômicos. Mesmo assim, apresentam diversidades que exigem uma diferenciação, que permita conhecer a realidade de cada grupo de produtores, com as possibilidades e limitações que lhe são peculiares.

A maior parte das explorações familiares se situa entre os extremos de uma lógica totalmente familiar de produção prioritária para autoconsumo e auto-suficiência, aliadas a baixíssimo nível tecnológico e total independência do mercado, e uma lógica completamente empresarial de produção para o mercado e baixos níveis de inserção do trabalho familiar na produção e organização da exploração.

A coexistência de unidades produtivas com diferentes dinâmicas internas dificulta uma apreciação geral sobre o funcionamento das unidades familiares. Torna-se necessário, por isso, categorizar essas unidades através de critérios pré-estabelecidos.

METODOLOGIA PARA TIPIFICAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Segundo Lamarche (1998), o grau de lógica familiar e a relação entre autonomia e dependência da exploração ao mercado mostram tipologias de exploração agrícola. Assim, Lamarche (1998) destaca quatro modelos teóricos de funcionamento dos estabelecimentos que podem ser definidos a partir das lógicas familiares:

- Modelo empresa, caracterizado por relações de produção minimamente familiares. De acordo com Lamarche (1998), o modelo empresa pode ser caracterizado segundo critérios que permitem diferenciá-lo dos demais, por seu afastamento dos princípios da lógica familiar tradicional, como o uso de força de trabalho externo de forma permanente, utilização de terras arrendadas, na maioria dos casos o envolvimento da família na produção é mínimo.

- Modelo empresa familiar: neste, a principal característica, é a importância dada à família na unidade produtiva, é ela o centro da atividade, nela está centrada toda a atividade, e para a satisfação das necessidades de seus membros se dirigem todos os objetivos. Neste modelo a mão de obra é predominantemente familiar, a propriedade da terra é da família, mas a produção é fortemente dependente do mercado.

- Modelo agricultura camponesa e de subsistência: Trata-se de estabelecimentos que produzem pouco, e utilizam técnicas tradicionais. O objetivo principal neste modelo é a satisfação das necessidades da família. A produção do estabelecimento, em geral, é pouca e em pequenas áreas, destina-se prioritariamente à alimentação familiar e apenas uma pequena parte, se destina ao mercado.

- Modelo agricultura familiar moderna: Está constituído pelas unidades que se posicionam entre as empresas e a agricultura de subsistência. Embora mantenha os conceitos de propriedade da terra e de família muito próximos, tende a uma diminuição constante do papel da família nas relações de produção.

Segundo Lamarche (1998), os quatro modelos podem ser representados numa base ortogonal, na qual o eixo das abscissas define o grau de dependência tecnológica, financeira, e dependência do mercado que a unidade familiar possui, e o eixo das ordenadas as lógicas familiares.

Em um sistema de eixos cartesianos da autonomia em relação ao grau de relação familiar, a empresa agrícola se situaria como completamente dependente do mercado e muito pouco próxima da lógica familiar; a empresa familiar, como dependente do mercado, porém imbuída do modelo familiar; a exploração moderna, como de máxima autonomia e pouco familiar; e o camponês como autônomo e totalmente familiar.

Constituição da família, divisão do trabalho, posse e uso da terra, modo de produção, inserção na comunidade, aspectos de comercialização, aspirações, se mesclam para oferecer um quadro da distribuição das unidades familiares de produção de uma região ou localidade, de forma que se possa dar a cada tipo a análise técnica que convém à sua realidade.

A análise fatorial foi o método escolhido para tipificar as propriedades envolvidas neste trabalho, tendo em vista o grande número de variáveis consideradas, que foi de 47, e a quantidade de unidades familiares de produção envolvidas, em número de 369.

Os eixos são formados pelas variáveis que mais contribuem para a identificação das unidades familiares como de lógica pouco ou muito familiar, e pouco ou muito dependente. Assim, a posição no espaço fatorial é capaz de caracterizar as unidades de produção segundo sua lógica produtiva. A proximidade dos eixos em que se localizam os pontos, indicam maior ou menor intensidade de dependência, e de lógica familiar.

A repartição das unidades em função de sua lógica produtiva e de sua maior ou menor dependência do mercado, estabelece os quatro modelos produtivos nos quatro quadrantes formados pelos eixos determinados na execução do programa escolhido para a análise das variáveis.

Após a obtenção dos modelos, foram feitas entrevistas com representantes de cada modelo, para que fosse possível conhecer mais sobre a trajetória de cada tipo, e as estratégias adotadas frente a realidade, que justifiquem sua caracterização em um ou outro modelo.

OS MODELOS TÍPICOS ENCONTRADOS ENTRE OS PRODUTORES DE FRUTAS E HORTALIÇAS DE CANGUÇU, RS

Diferentes composições das variáveis puderam ser definidas a partir das lógicas de funcionamento das unidades familiares de produção rural estudadas.

A análise fatorial múltipla dos dados feita através do programa SPAD N inicialmente classificou as 47 variáveis em dois grupos: Variáveis Contínuas, representadas pelas informações quantitativas, em número de 19: Número de pessoas da família envolvidas na produção; Empregados permanentes; Empregados temporários; Número de anos dedicados ao campo; Número de filhos; Área da propriedade (própria); Área arrendada; Área ocupada com tomate; Área ocupada com batata; Área ocupada com cebola; Área ocupada com fumo; Área ocupada com melancia; Área ocupada com morango; Área ocupada com milho; Área ocupada com feijão; Área ocupada com pêssego; Área ocupada com ameixa; Área ocupada com outras olerícolas; Área ocupada com pecuária leiteira.

Variáveis Ilustrativas, que compreende as variáveis qualitativas, para o qual foram selecionadas 28 variáveis: Localidade; Idade do proprietário; Idade da esposa; idade dos filhos; Grau de instrução do proprietário; Grau de instrução da esposa; Grau de instrução dos filhos; Principal atividade da propriedade; Principal receita da propriedade; Mecanização da propriedade; Energia elétrica; Assistência técnica; Tecnologia; Defensivos agrícolas; Atualização técnica; Associativismo; Comercialização; Transporte; Financiamento; Acompanhamento de custos; Método convencional de produção de hortaliças; Método orgânico de produção de hortaliças; Método convencional de produção de frutas; Método orgânico de produção de frutas; Venda da terra; Necessidade de família numerosa; Desejo de permanência dos filhos na agricultura; Crédito.

Todas as variáveis foram consideradas como úteis para a seleção dos componentes principais, e se fizeram presentes com o mesmo peso. Os componentes principais são definidos como os responsáveis pela maior parte das diferenças entre os grupos.

A análise da matriz de correlação entre as variáveis destacou alta correlação entre a área produzida com pêssego e o emprego de mão de obra contratada, tanto com empregados permanentes como temporários, demonstrando que a produção de pêssego é responsável pela contratação.

A área arrendada apresentou correlação com a contratação de empregados temporários, o que indica que o produtor arrendatário não consegue atender ao mesmo tempo a área própria e a arrendada.

Mediante a análise fatorial foi possível detectar quatro diferentes grupos de produtores, através de dois eixos ortogonais (figura 1). No eixo horizontal, as variáveis que mais contribuíram na formação do semi-eixo esquerdo foram: área ocupada com fumo, área para a pecuária leiteira, e área com cebola; o semi-eixo à direita foi definido pelas coordenadas: número de empregados permanentes, número de empregados temporários, e área com pêssego. No eixo vertical, o semi-eixo negativo teve como determinantes as variáveis: área própria, número de pessoas da família envolvidas na produção, e o número de cabeças na pecuária leiteira. O semi-eixo vertical positivo foi constituído pelas coordenadas: área da propriedade ocupada com pêssego, área arrendada, e número de empregados temporários.

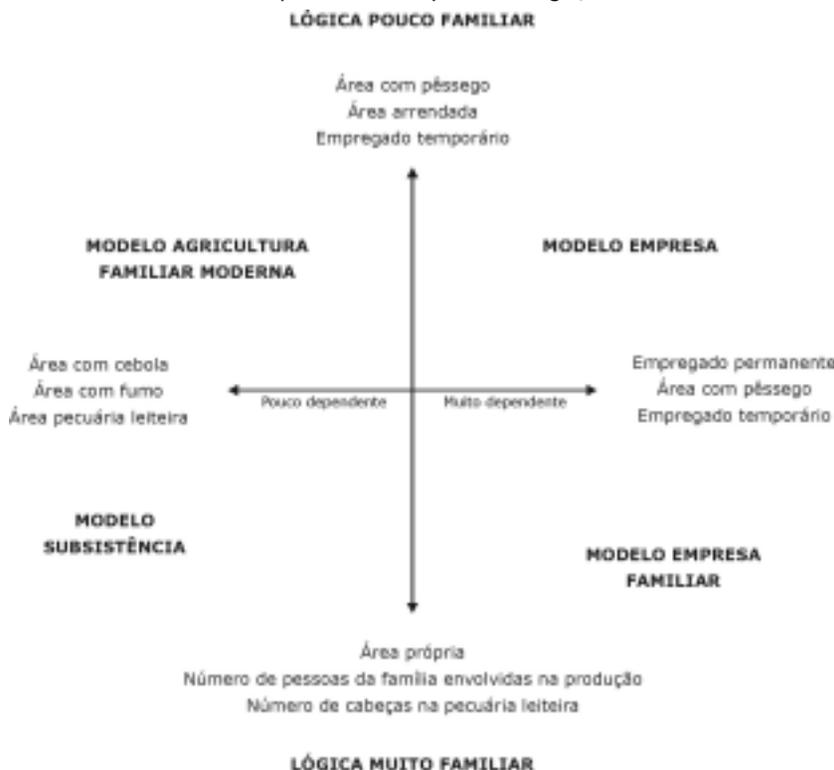
A análise das variáveis qualitativas que mais contribuíram para a formação do semi-eixo horizontal esquerdo apontou como determinadoras as variáveis: Propriedades não mecanizadas, baixo nível de instrução do proprietário e da esposa (primeiro grau incompleto), Não possuir tecnologia, Não acompanhar de custos, Não possuir assistência técnica, Não associativismo, Não procurar atualização técnica, Não possuir transporte próprio. Para a formação do semi-eixo horizontal direito, contribuíram as variáveis qualitativas: O proprietário possuir segundo grau completo ou superior, Transporte próprio, Método ecológico de produção de hortaliças, Procura por atualização técnica, Pre-

sença de associativismo, Possuir assistência técnica, Fazer acompanhamento de custo, Possuir tecnologia, Propriedade com mecanização, Principal receita oriunda da fruticultura, pecuária e aposentadoria.

O semi-eixo vertical positivo teve como determinantes para sua formação as seguintes variáveis qualitativas: Principal atividade da propriedade fruticultura, principal receita fruticultura, Baixo índice de mecanização, Os produtores não desejam que seus filhos permaneçam na atividade agrícola, Idade do proprietário entre 20 e 40 anos, Grau de instrução do proprietário segundo grau completo e superior. O semi-eixo vertical negativo foi determinado pelas variáveis qualitativas: Propriedades não mecanizadas, proprietários com primeiro grau incompleto, Não utilizar tecnologia, Não se beneficiar de assistência técnica, Não pertencer a nenhum tipo de associação, Não procurar atualização técnica, Não possuir transporte próprio.

As propriedades familiares foram distribuídas nos diferentes quadrantes representativos de cada modelo, conforme possuísem prioritariamente as características determinantes de cada um deles. O fato de um produtor estar localizado em um determinado modelo não quer dizer que ele possua todas as características que o determinam, mas que concentra a maioria delas. Não se encontra na realidade um modelo puro, apenas unidades que por suas características se aproximam mais de um modelo do que de outro.

Figura 1 – Representação gráfica dos modelos produtivos definidos para o município de Canguçu, RS



- **Modelo empresa:** As variáveis determinantes deste modelo são: maior parte da área ocupada com o cultivo de pêssego, presença de empregados temporários e permanentes, arrendamento de áreas. Assim, os produtores pertencentes ao modelo empresa, possuem como característica comum o fato de produzirem em área própria e arrendada, e possuem empregados tanto permanentes como temporários, além de serem, dentre os entrevistados, os que possuem maior área de produção de pêssego.

O cultivo de pêssego, além de ocupar a maior área nas propriedades do modelo empresa, ainda aparece como a principal fonte de renda destes produtores.

Este modelo se caracteriza por possuir alta dependência do mercado, ou melhor, a produção agrícola é toda voltada para o mercado, e por possuir uma lógica pouco familiar de trabalho, sendo que na maioria das propriedades os filhos e a esposa do proprietário não atuam na produção.

O Modelo Empresa foi o que concentrou o menor número de produtores de frutas e hortaliças.

Os produtores deste modelo formam um grupo completamente distinto dos demais, concentrando os maiores produtores de pêssego que se caracterizam pela estreita relação com as agroindústrias da região e, por serem os maiores empregadores de mão-de-obra.

A produção de hortaliças deste grupo também possui mercado certo, através da cooperativa dos produtores orgânicos.

A lógica dependente, característica deste modelo, não aparece apenas com relação ao mercado, mas também no que diz respeito ao setor financeiro, pois a maioria (82%), dos produtores deste grupo afirmou recorrer aos empréstimos, tanto da indústria como de bancos para financiar seus investimentos.

A análise da matriz de correlação detectou alta correlação entre as variáveis: área produzida com pêssego, e contratação de mão-de-obra permanente e temporária, o que permite concluir que a produção de pêssego provoca a contratação de mão-de-obra. Da mesma forma, as variáveis área arrendada, e contratação de mão-de-obra apresentaram correlação positiva, o que demonstra que a mão-de-obra familiar não é suficiente para atender a demanda de maior área, explicando a lógica pouco familiar de trabalho.

Embora o proprietário e sua família exerçam atividade no estabelecimento, o arrendamento e a contratação de mão-de-obra são indispensáveis.

A estrutura familiar dos produtores pertencentes a este modelo se caracteriza por famílias pequenas, em média formadas por 3,5 pessoas, e jovens. A idade dos proprietários e de suas esposas se situa na faixa entre 20 e 40 anos, e os filhos têm idade média de sete anos.

Não foi constatada uma etnia dominante no modelo, sendo que 35% afirmou possuir descendência alemã, 32% italiana, e os demais afirmaram ser brasileiros, e não saber exatamente a origem predominante.

O Modelo Empresa concentra a totalidade dos entrevistados que possuem curso superior, embora a maioria (90%) e suas esposas possuam o segundo grau completo.

Todos os entrevistados que pertencem a este modelo afirmaram não desejar que seus filhos continuem na atividade agrícola e, 68% respondeu que venderia a terra caso surgisse um bom negócio, e que usaria o dinheiro para compra de terras (em maior quantidade) em outro local, o que demonstra que para estes produtores a atividade agrícola não é dependente da comunidade, e que a necessidade do arrendamento de áreas provoca uma lógica de acumulação fundiária que não se manifesta nos demais modelos.

Este grupo está formado por agricultores empreendedores, que possuem mecanização, transporte próprio, utiliza a assistência técnica oferecida pela EMATER (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), e que se dedicam a produção de hortaliças pelo método orgânico.

Quanto ao associativismo, todos os produtores do Modelo Empresa pertencem a algum tipo de associação: 80% pertence a associação de produtores; 100% ao sindicato rural; e 96% a entidade religiosa. A religião predominante é a católica (55%), seguida da luterana (40%), sendo que apenas 1% citou outra religião.

Os produtores do modelo empresa possuem estreita relação com os demais produtores da região, freqüentando as festas da comunidade (92%), e conhecendo a maioria dos vizinhos (98%), outra forma de estreitamento do relacionamento citada foi o fato de pertencer ao mesmo grupo de produtores da EMATER, o que confere maior intimidade aos participantes do mesmo grupo.

A busca de aprimoramento técnico foi bastante evidenciada neste grupo, sendo que todos os produtores compareceram a pelo menos uma reunião técnica no último ano, sendo que a maioria (76%) compareceu a mais eventos.

Todos os proprietários deste modelo afirmaram fazer acompanhamento de custos da produção, e encarar esta prática como indispensável ao bom andamento dos negócios.

- **Modelo empresa familiar:** O modelo empresa familiar está localizado no quadrante definido pelos eixos: horizontal positivo, estabelecido pelas variáveis: contratação de empregados temporários e permanentes, e produção de pêssego; e pelo eixo vertical negativo, cujas variáveis determinantes são o trabalho em área própria, grande número de pessoas da família envolvidas na produção e pecuária leiteira.

Tem-se, portanto, um modelo que embora tenha algumas características definidoras do modelo empresa, como produção de pêssego e a contratação de mão-de-obra, que o caracteriza como dependente do mercado, possui uma lógica de produção bastante familiar, definida pelo uso exclusivo de terras próprias, pelo fato da maior parte das atividades produtivas ser exercida pela família, ou seja, a organização do trabalho em torno da mão de obra familiar, e pela produção de leite.

O pêssego aparece como a principal atividade das propriedades, representando a principal fonte de renda das famílias. A produção de leite ocupa o segundo lugar em importância econômica neste modelo. Estes dois principais produtos identificam o produtor como fortemente atrelado ao mercado, tendo em vista que a produção de pêssego se destina para a indústria, e a de leite para a cooperativa.

A produção de hortaliças em sua maior parte (87%), é feita através do cultivo tradicional, e destina-se à manutenção da família e ao comércio para os atravessadores que recolhem os produtos na unidade de produção.

O número de empregados permanentes é bastante reduzido, sendo em média 0,3 empregados, enquanto a mão-de-obra temporária aparece como muito importante principalmente, no período de colheita do pêssego. Neste modelo, a maioria das atividades é desenvolvida pela família.

O fato de não arrendar áreas de terceiros, faz com que os produtores deste modelo tenham um apego à propriedade bem maior que os do modelo anterior, o que se manifesta nas declarações da maioria (96%) dos produtores, que afirmam não vender a propriedade sob hipótese alguma, e pelo fato de 82% manifestar seu entusiasmo pela permanência de seus filhos na atividade agrícola, ainda que fora de sua propriedade.

Em todas as propriedades, os filhos de até 15 anos freqüentam a escola mais próxima, tendo a oportunidade de fazer o primeiro grau ali mesmo, na sua comunidade. Os jovens, na maior parte dos casos (91%), ou estudam em escolas agrícolas de Canguçu e do vizinho município de Pelotas, ou vão diariamente à cidade para cursar o segundo grau. O nível de instrução predominante dos filhos de mais de 15 anos é o primeiro grau completo.

O apego pela terra, e pela comunidade é demonstrado também pelos filhos, que em sua maioria, segundo informações dos entrevistados, apresentam dificuldade de

adaptação na cidade, e por isto muitas vezes retornam para a família abandonando os estudos.

As famílias do Modelo Empresa Familiar são mais numerosas do que as do modelo anterior, e se caracterizam por agregarem junto a si pessoas mais velhas, como pais e avós. Embora esses idosos contribuam com a renda familiar através de suas aposentadorias, todos desempenham alguma tarefa na propriedade. Destaca-se, o tratamento diferenciado com que são atendidos, demonstrando apoio e respeito.

Nas propriedades visitadas onde vivem pessoas mais velhas, elas sempre foram convidadas a participar das entrevistas, e demonstraram perfeito conhecimento das atividades produtivas, sendo que em muitas, foram eles que melhor desenvolveram as respostas.

Os produtores pertencentes a este modelo possuem idade média de 43,5 anos, e famílias de em média 3,4 filhos, o que justifica a atividade predominantemente familiar. O grau de instrução do proprietário predominante é o primeiro grau completo, bem como das esposas.

A maior parte dos produtores (94%), pertence a algum tipo de associação, sendo que destes todos pertencem a associações religiosas na comunidade, 82% pertencem a cooperativa, 13% a associação de escolas (pais e mestres) e 86% ao sindicato rural.

A religião predominante é a luterana (58%), seguida da católica (36%), sendo que neste grupo, todos os que se declararam destas duas religiões são praticantes, indo à igreja uma vez por semana.

A etnia dominante neste modelo é a alemã (76%), sendo que apenas (3,5 %) não possui alguma descendência desta etnia. A língua alemã é bastante falada em família e nas reuniões da comunidade, embora a maioria não saiba em que ano seus antepassados vieram para o Brasil. Os costumes tradicionais também são respeitados, e as crianças falam apenas o alemão até a idade escolar, quando então são obrigadas a aprender o português.

A assistência técnica é utilizada por 78% dos produtores, e todos afirmaram receber o serviço através da EMATER, a qual organiza grupos nas comunidades, o que segundo os produtores, facilita o encontro e a troca de informações com os demais produtores.

As propriedades são, na sua maioria, pouco mecanizadas embora 85% dos produtores possuam veículo próprio.

O acompanhamento de custos, embora considerado muito importante, é feito apenas por 24% dos produtores, sendo que destes 65% afirmou levantar custos apenas da atividade leiteira.

- **Modelo agricultura de subsistência:** Este modelo está definido pelas variáveis: Utilização de área própria, grande número de pessoas da família envolvidas na produção, atividades agrícolas com as culturas de fumo, cebola e pecuária leiteira.

Existe uma forte predominância da lógica familiar, uma vez que nenhum produtor deste grupo contrata mão-de-obra de forma permanente, e apenas 18% contrata, esporadicamente, mão-de-obra temporária. Isto justifica o fato de, na maior parte das vezes, o produtor responder ao questionário e as entrevistas na lavoura, o que dificultou bastante o aprofundamento dos temas.

Este modelo caracteriza-se por possuir pouca dependência com relação ao mercado, pois embora a produção de fumo seja toda destinada as empresas fumageiras, e o leite seja comercializado com a cooperativa, não representam, em área, a principal atividade da propriedade. Deve ser salientado, que a cultura do fumo ocupa apenas uma pequena área das propriedades, sendo que a maior parte da área é utilizada com culturas de subsistência.

Neste modelo, as atividades são muito diversificadas, e a principal receita da propriedade é o fumo, que embora ocupando pequena área representa uma receita certa, o que faz desta cultura a prioridade para muitos produtores.

O modelo Agricultura Familiar de Subsistência é o segundo mais numeroso entre os produtores de frutas e hortaliças do município de Canguçu, congregando 29,3% dos entrevistados. No entanto, é o modelo que concentra os produtores cuja moradia são mais simples e menores. Não raro, durante as visitas, foi possível verificar casas de chão batido, sem divisórias internas, e com iluminação deficiente (64% das moradias possuía apenas porta, não dispendo de janelas).

Os produtores do modelo subsistência possuem o menor grau de instrução entre todos os entrevistados, sendo que 94% possui o primeiro grau incompleto.

A idade média dos produtores é de 48 anos, se constituindo no grupo que possui a mais alta faixa etária. O número de membros da família também é alto, de 6,3 pessoas. Como o grupo anterior, também se encontra um grande número de propriedades nas quais existe a presença de pessoas idosas.

Na maior parte das propriedades de subsistência, a renda da unidade de produção não é suficiente para manter toda a família, e constata-se a existência, em média, de 2 filhos trabalhando permanentemente fora da propriedade, sendo que destes, 78% estão na cidade, e os demais em empregos no meio rural.

As propriedades não possuem mecanização, e as benfeitorias são pequenas, poucas, e mal conservadas. Os produtores deste modelo se caracterizam pela falta de estrutura, e pelo baixo nível de tecnologia adotado. Não existe acompanhamento de custos, e apenas 5,4% participou de algum tipo de palestra ou curso de atualização técnica no último ano. Apenas os que pertencem a grupos de produtores assistidos pela EMATER declararam participar mensalmente de reuniões técnicas.

Poucos produtores utilizam assistência técnica, sendo que apenas 28% afirmaram recorrer a assistência técnica da EMATER para a produção de hortaliças e leite. Todos os produtores de fumo, no entanto, declararam receber orientação técnica por parte da indústria.

A produção de hortaliças é feita pelo método tradicional, sendo que a maior parte dos produtores (87%), afirmou não possuir mercado definido para a comercialização das hortaliças, e conforme a ocasião vendem para atacadistas, feirantes, ou caminhoneiros que vão até a colônia buscar o produto. Os demais vendem para atravessadores com quem mantêm um contrato verbal.

As formas de associativismo encontradas junto aos produtores deste modelo foram: a cooperativa de leite, e a religiosa, sendo que a maioria frequenta a igreja de sua comunidade. Quanto à comercialização do leite, a maioria dos produtores de subsistência, entrega o produto para a COOPAL, cooperativa de leite dos produtores do município, os que fazem sua entrega para a COSULATI, cooperativa de laticínios de Pelotas, afirmaram que não podem pertencer a COOPAL em função da localização da propriedade.

A religião predominante é a Luterana (51%), seguida da Católica (34%). A maioria (84%) afirmou frequentar a igreja todas as semanas. Através das narrações, foi possível identificar a igreja como centro social das comunidades, é nela que se fazem as festas, que se criam os times de futebol, que se fazem as reuniões. Embora este fato se dê em todos os grupos, foi no modelo de subsistência que foi mais enfatizado. Em 72% das entrevistas, houve manifestações sobre a importância da igreja como centro de lazer na comunidade.

A maior parte dos produtores de subsistência não possui crédito, além do oferecido pela indústria de fumo, e apenas aqueles que procuram assistência técnica através da EMATER possuem algum tipo de crédito institucional, sendo que o mais citado (96%) é o PRONAF C, modalidade do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar que se destina a produtores com renda bruta anual até R\$10.000,00.

Neste grupo, embora as dificuldades econômicas, os produtores pretendem que seus filhos permaneçam na atividade agrícola, e 100% afirmou que não venderia sua terra, e que se tivesse oportunidade gostaria de ampliar sua propriedade.

- **Modelo agricultura familiar moderna:** Este modelo está definido pelas variáveis contínuas: produção de pêssego, área arrendada, contratação de mão-de-obra temporária, produção de cebola, fumo, e leite.

A configuração deste modelo o situa em um quadrante cujo semi-eixo horizontal revela pouca dependência do mercado, e verticalmente o afasta da lógica familiar de produção, ou seja, é uma realidade entre a maior autonomia de produção e a redução da importância da mão-de-obra familiar na unidade produtiva.

O modelo agricultura familiar moderna concentra a maior parte dos produtores de frutas e hortaliças do município de Canguçu. Sua lógica pouco familiar e independente do mercado lhe confere características peculiares, que o fazem intermediário, reservando características próprias do modelo mais rudimentar que é o de subsistência, e o mais independente e menos familiar que é a empresa.

Do ponto de vista da lógica familiar, este modelo se caracteriza pela contratação de mão-de-obra temporária, com efeito, 96% dos produtores declararam contratar trabalhadores temporários em épocas de maior necessidade de mão – de – obra. A contratação de empregados permanentes é muito baixa entre os produtores deste modelo, sendo que apenas 8% possuem este tipo de mão – de – obra.

A noção de posse e conservação da propriedade continua familiar é bastante presente neste modelo, pois embora a maioria dos produtores (86%) afirme não desejar que seus filhos permaneçam na agricultura, 100% declarou que não venderia a terra sob hipótese alguma, e que se pudesse adquiriria mais para ampliar a propriedade.

As famílias neste Modelo são constituídas em média de 4,3 pessoas, o produtor, sua esposa e filhos pequenos, os filhos com idade superior a 15 anos, na maioria (87,4%) trabalham ou estudam fora do meio rural, o que justifica a necessidade de contratação de mão-de-obra em períodos de pico de atividade.

A idade dos produtores também é bastante diferenciada, sendo que 51% se situa na faixa dos 20 aos 40 anos, e 49% entre 40 e 60 anos, o que demonstra ser este um Modelo intermediário também sob este ponto de vista.

A tecnologia empregada é bastante rudimentar, sendo que a maioria (91%) utiliza métodos convencionais de produção. O índice de mecanização também é baixo, sendo que o pouco maquinário existente é bastante obsoleto, tendo em média 27 anos de uso. Ainda quanto ao maquinário, chama a atenção neste modelo a preocupação com a conservação, que é feita pelo próprio produtor.

O acompanhamento de custos não é feito pela maior parte destes produtores.

A principal atividade econômica é a cultura do pêssego, e também, se constitui na principal fonte de renda desta modalidade de agricultura familiar.

O Modelo Agricultura Familiar Moderna é o que possui o mais baixo índice de associativismo, o que torna o produtor mais afastado da vida comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se essencial salientar, ao término deste trabalho, a importância que a agricultura familiar tem no município de Canguçu, RS, tanto pelo alto percentual da população rural que este segmento representa, como pelo fato de a maioria da população urbana descender, ou ter algum tipo de parentesco com agricultores familiares. Desta forma, no município de Canguçu, a relação entre as unidades familiares de produção agrícola e o meio urbano não se restringe ao fornecimento de alimentos e insumos, mas este setor é de suma importância para o comércio varejista, que tem no meio rural um significativo mercado consumidor.

Este trabalho permitiu a análise do produtor de frutas e hortaliças do município de Canguçu, RS em dupla dimensão, a saber: - racionalidade e modo de vida - o que tornou possível, não apenas a identificação de grupos típicos, mas de indivíduos que se realizam e se reproduzem socialmente em suas comunidades, considerando os objetivos do interesse econômico, e da manutenção de suas famílias.

Constata-se também, que os produtores de frutas e hortaliças de Canguçu sofreram redefinições de sua estrutura produtiva nos últimos 25 anos, como conseqüências das estratégias de enfrentamento diante de diferentes crises pelas quais passou a agricultura neste período, à medida que as formas modernas de produção foram sendo induzidas pelos setores externos, principalmente o mercado urbano-industrial.

Lamarche, ao mesmo tempo em que desvela, através de seus modelos típicos, a agricultura familiar, encobre, ontologicamente, as características essenciais ao reconhecimento do produtor enquanto ser único e diferenciado.

Neste sentido, a complementação da aplicação da proposta de LAMARCHE através do reconhecimento da realidade, mediante uma abordagem qualitativa, amenizou as limitações inerentes à aplicação de modelos, que refletem uma conjuntura econômico-político-ideológica de uma época.

Em um país como o Brasil, de economia dependente, e com graves problemas sociais, e considerando a importância social do setor da agricultura familiar, deve-se dar ao pesquisador liberdade na escolha de métodos que visem explicar a realidade.

[...] considera-se que o pesquisador deva ter ampla liberdade de adoção de uma postura filosófica-ideológica qualquer que seja ela, e que as críticas a esta tomada de posição sejam colocadas em termos ideológicos-filosóficos e não associados ao emprego ou não de técnicas científicas de qualquer ordem. (CERON e GERARDI, 1979, p.66)

Compreendendo a atividade agrícola como uma atividade econômica na qual diferentes composições de fatores, derivadas de decisões de seres humanos, resultam em produções diferenciadas de alimentos e matérias-primas vegetais e animais destinados a satisfazer as necessidades de consumo geradas por diferentes demandas. O grande problema que se coloca é o de compreender e explicar o processo de decisão, e conseqüentemente, os padrões de organização agrícola decorrentes. A tarefa é bastante difícil, principalmente por lidar com o comportamento humano, face a impossibilidade de se detectar com eficiência as atitudes das pessoas. Neste sentido, os princípios, as leis, e especialmente as teorias e os modelos devem ser encarados apenas como estruturas simplificadoras da realidade, devendo ser empregados como instrumentos auxiliares de análise.

Ceron e Gerardi (1979), colocam de forma bastante clara a utilidade dos modelos na representação da realidade:

Acreditamos que qualquer que seja o caminho seguido para essa formalização, que as teorias e os modelos nunca deixarão de ser um instrumento científico de análise concebido em condições ideais simplificadas e que terão no substrato o reflexo do ponto de vista do pesquisador ou da comunidade de pesquisadores de uma determinada época e lugar. (CERON e GERARDI, 1979, p.65)

De fato, as variáveis contidas nos diferentes modelos não dão conta de explicar ou permitir a compreensão do processo das decisões humanas presentes na organização do espaço rural. Cabe ao pesquisador incorporar o contexto social, econômico e político da época e lugar em que a comunidade pesquisada se encontra engajada. Neste sentido, recomenda-se um uso criterioso da aplicação de modelos, levando em consideração que no centro da realidade está o produtor rural e sua família, com os costumes que lhe são próprios, suas tradições e aspirações.

Foi possível, através da metodologia escolhida, identificar entre os produtores estudados, os quatro modelos típicos de agricultura familiar propostos por Lamarche (1998):

- Modelo empresa - constituído pelo menor número de produtores que possuem uma lógica pouco familiar de produção e uma grande dependência do mercado.

- Modelo empresa familiar - concentra um pequeno número de produtores, e embora possua uma lógica muito familiar de produção é altamente dependente do mercado.

- Modelo agricultura de subsistência - é o segundo mais numeroso, possui lógica produtiva muito familiar, mas reserva sua independência com relação ao mercado.

- Modelo Agricultura familiar moderna- é o que concentra o maior número de produtores, sendo caracterizado por possuir uma lógica pouco familiar de produção e independência do mercado.

O fato de a maior concentração dos produtores estar localizada no lado esquerdo do eixo vertical permite as seguintes considerações:

As unidades de produção identificadas no Cadastro de Produtores de Frutas e Hortaliças SEBRAE – UFPEL para o município de Canguçu pertencem, em sua grande maioria, aos modelos agricultura familiar moderna e agricultura de subsistência.

Quanto ao modelo de subsistência, recomenda-se a recomposição do sistema produtivo de forma a combinar, equitativamente, a produção com a realidade da propriedade e da família. Uma alternativa viável, respeitadora das características de identidade das famílias, e adequada à situação concreta de pobreza econômica e carência cultural desta população, é apontada por Gehlen (1998), como possível de propiciar melhorias e não comprometer o futuro desse segmento.

Resgatar a agricultura de subsistência não tem apenas uma dimensão social, mas também econômica e cultural, pois possibilita a reprodução com qualidade de vida de populações excluídas ou em via de o serem, [...] e, sem dúvida, muito importante como referência cultural e política para a sociedade pluralista e aberta em oportunidades. (GEHLEN, 1998, p.68)

Embora produzindo fumo, leite ou pêssego, o que exige sua associação com a agroindústria e o mercado, estas atividades não são determinantes nestes modelos, e esses produtores possuem uma lógica de produção pouco dependente do mercado. Dessa forma, o agricultor familiar restringe a expansão da racionalidade econômica, à medida que preserva espaço para dar lugar a um modo vida, que embora se beneficie da lógica do mercado, tem na manutenção da sua família seu principal interesse.

Do ponto de vista do agricultor, parece evidente que suas estratégias de reprodução, nas condições modernas de produção, em grande parte ainda se baseiam na valorização dos recursos de que ele dispõe internamente no estabelecimento familiar e se destinam a assegurar a sobrevivência da família no presente e no futuro. De uma certa forma, os agricultores familiares modernos enfrentam os novos desafios com as armas que possuem e que aprenderam a usar ao longo do tempo. (WANDERLEY, 1998, p.35)

A produção destinada ao mercado, em ambos os modelos, é diversificada e comercializada com vários tipos de mercado consumidor, não havendo um domínio tecnológico destes sobre as unidades de produção.

As relações com a comunidade são fundamentais, e nos dois modelos, o local onde vivem se constitui no espaço onde exercem sua sociabilidade, permitindo a reprodução de suas famílias e preservando suas tradições culturais. Nesse aspecto, Lamarche (1993) refere-se à "conservação e transmissão de um patrimônio sociocultural", constituindo um "modelo original", que exerce "um papel fundamental no modo de funcionamento da agricultura familiar".

Nos quatro modelos identificados, a terra, principal meio de produção da agricultura familiar, é que assegura a reprodução social da família. Ela é a base na qual o produtor e sua família garantem seu sustento e a sua permanência no contexto produ-

tivo. Para Wanderley (1998), a terra representa a personificação do projeto dos produtores familiares que é "trabalhar para si, com os seus, no que lhe pertence".

Os dados estatísticos com relação aos principais produtos da agricultura familiar estudada, apontam dificuldades quanto a competitividade frente aos parceiros do MERCOSUL. Muito embora a análise das cadeias produtiva do leite, da batata, da cebola aponte uma vantagem comparativa do Uruguai e da Argentina respectivamente, o trabalho demonstrou que dada a diversidade de atividades, nenhum destes produtos responde sozinho pela principal receita das unidades familiares.

A produção de pêssego aparece como principal condutor da mudança da lógica de produção eminentemente familiar, para o aparecimento de um produtor empregador.

É na estratégia de reprodução da unidade da família, entendida a partir de BRUMER (1999), como "resposta dada por cada família a fim de assegurar ao mesmo tempo a sua própria reprodução e da sua exploração", que a contração de mão-de-obra externa à propriedade se configura na agricultura familiar, representada pelos produtores de frutas e hortaliças, do município de Canguçu.

Esse produtor, com uma lógica produtiva onde a mão-de-obra familiar não representa a única opção, está fortemente atrelado às regras do mercado, e na tipificação, foi caracterizado no modelo empresa.

Todavia, para que a expansão deste novo perfil de agricultura familiar se efetive, é indispensável que o Estado exerça seu papel regulador e controlador da produção, impedindo a concorrência desleal. É este produtor, do modelo empresa, que mais deverá sofrer com a concorrência no MERCOSUL.

Como preconiza Brumer (1999):

Os produtores agrícolas mais afetados pelo processo de globalização são os que produzem bens destinados ao mercado internacional, assim como os que cultivam produtos que enfrentam a competição dos mercados externos. (BRUMER, 1999, p.225)

Assim, os agricultores mais envolvidos com o mercado, e com lógica pouco familiar de produção, na verdade, aparecem como mais fragilizados frente ao processo de globalização, tendo em vista que a contratação de mão-de-obra e a produção especializada na cultura do pêssego os tornam mais vulneráveis as variações do mercado. Estratégias como a busca de associações e cooperativas, são recomendáveis para o enfrentamento da competição característica da economia de mercado.

Nesta perspectiva, torna-se possível indicar que uma das alternativas existentes para a produção familiar de frutas e hortaliças, é a diversificação produtiva, tanto no interior das unidades produtivas como no município como um todo. Esta diversificação pode contribuir para o emprego, em tempo integral, da mão-de-obra familiar, tendo em vista que o trabalho pode ser melhor distribuído nas diferentes épocas do ano e a produção pode tornar-se mais competitiva, em termos de mercado.

Considera -se, portanto, ser a diversificação de atividades a principal estratégia da agricultura familiar que permitirá sua reprodução independente da nova ordem econômica de mercado.

O potencial da agricultura familiar, enquanto força produtiva, reside fundamentalmente no trabalho da família, na independência do mercado, e na manutenção da agricultura como "modo de vida", e não como negócio.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita. Qual a "Vocação" Produtiva da Agricultura Familiar? Globalização, Produção Familiar e Trabalho na Agricultura Gaúcha. In: TEDESCO, J. C.(org.) **Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF,1999, p. 223-254.

CERON, Antonio O., GERARDI, Lucia H. Geografia Agrária e Metodologia de Pesquisa. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 9, n. 17-18, Rio Claro, p. 59-68, 1979.

GEHLEN, Ivaldo. Agricultura Familiar de Subsistência e Comercial: identidade cabocla e inclusão social. In: FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno, e BRANDENBURG, Alfio. **Para Pensar Outra Agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998, p. 51-70.

LAMARCHE, H. (org.) **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. (coord.) **A Agricultura Familiar: Do Mito à Realidade**. V.II. Campinas: UNICAMP, 1998.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: In: FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno, e BRANDENBURG, Alfio. **Para Pensar Outra Agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998, p. 29-50.

TEREZINHA DE LEMOS SIMCH

(Professora Adjunto Departamento de Ciências Sociais Agrárias – FAEM – UFPEL. icals@bol.com.br)

GIANCARLA SALAMONI

(Professora Adjunto Departamento de Geografia e Economia – ICH – UFPEL. giansa@terra.com.br)